



Perspectivas e desafios do ensino na área de Teologia

Prof. Fernando Bortolletto Filho*

1. O ensino da Teologia e as exigências confessionais

Das disciplinas teológicas, a Teologia Sistemática (em algumas escolas Teologia Dogmática ou simplesmente Teologia) é aquela que lida mais diretamente com as doutrinas das diferentes igrejas. Por isso, ao refletir sobre o ensino da Teologia, devemos pensar um pouco sobre a questão das exigências confessionais.

Preliminarmente deveríamos perguntar: o que é ensinar Teologia? Logicamente seria justificável um outro encontro somente para tentar responder esta questão. Queremos apenas apontar algumas idéias sobre o ensino da teologia para que possamos, posteriormente, confrontá-lo com as exigências confessionais.

Para estudar teologia podemos observar caminhos diversos. Podemos percorrer a tradição teológica clássica, observando a contribuição dos chamados "expoentes". O próprio percurso da Igreja ao longo dos séculos pode também indicar um caminho. Para as instituições de ensino teológico de igrejas filhas da Reforma, a teologia dos reformadores pode fornecer parâmetros seguros. Contudo, não queremos observar as "vias" pelas quais podemos caminhar (poderíamos citar várias outras) ao estudar teologia. Queremos observar o ensino da teologia a partir de alguns fundamentos. Por exemplo, diante da especificidade da teologia e de seu "objeto de estudo", podemos dizer que a teologia é um discurso possível sobre nosso relacionamento com o divino, sempre norteado pelo seu lugar de produção. Por outro lado, é discurso que pretende ser "científico": estabelece sua metodologia e deve permanecer crítico.

* Secretário-geral da ASTE (Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos) e professor de Teologia no Seminário Teológico Presbiteriano Independente de São Paulo.



Gustaf Aulén no primeiro capítulo de seu livro, *A Fé Cristã*, aponta que “Deus não pode ser transformado em objeto de investigação científica”¹. A possibilidade, então, é a pesquisa científica sobre a “Fé Cristã”. No mesmo capítulo, Aulén esclarece que focar a atenção do estudo da teologia na fé cristã não retira seu caráter científico, o que deve indicar um esforço sério e metódico, e também acentua que ela não deve se confundir com uma “proclamação confessional”. Confundir o ensino da teologia com uma pregação da fé cristã significaria um alto custo para os propósitos educacionais ligados a uma formação crítica e pluralista, necessária para falar de Deus em nossos tempos.

Igualmente importante para os nossos propósitos é um texto de Rui de Souza Josgrilberg que também reflete sobre a densa questão do diálogo entre fé e teologia. “A teologia é um discurso possível que pressupõe a fé e a revelação”², diz ele, procurando entender a teologia não como expressão da fé, mas como esforço limitado, “possível”. Entra aqui um elemento de humildade, necessário a todo o esforço científico e particularmente importante quando lidamos com questões que entendemos ser decisivas para as pessoas, como as coisas do campo religioso. Por ser discurso possível, a teologia recolhe elementos da história do pensamento cristão, assim como se alimenta do diálogo constante com as atuais manifestações da fé.

Diante do que apontamos, podemos admitir o ensino da teologia somente numa perspectiva abrangente. Como restringir o estudo daquilo que se alimenta, em parte, da multiforme manifestação da fé? Não é isso que aprendemos com a própria história da composição do texto bíblico? Não temos nas Escrituras um mosaico de experiências de fé? É evidente que temos também na Bíblia uma lição de abertura e diálogo. Partindo daí, devemos entender o estudo da teologia ligado à criação de uma especial habilidade para a *reflexão*. Se o estudo investir na mera *repetição*, certamente

¹ Aulén, Gustaf. *A Fé Cristã*. São Paulo, Aste, 1965, pg. 19

² Josgrilberg, Rui de S. “A Fé em busca da Teologia”. In: Maraschin, J.C. (org.) *Teologia sob Limite*. São Paulo, ASTE, 1992, pp. 17.



tornaremos nossas igrejas mais pobres, com menor capacidade para o aprendizado sadio.

Neste ponto temos muitos desafios a serem enfrentados, pois muitas vezes o que se espera de nós, professores/as de teologia, é a capacidade de formar os/as profissionais que serão capazes de fornecer as respostas “certas”. Esclarecemos que em nenhum momento o nosso discurso aponta para uma desvalorização da nossa tradição. O que queremos dizer é que a nossa tradição é valorizada e, efetivamente, “respira” quando está em contato com outras expressões da fé, o que veremos com mais detalhe no próximo tópico.

Muito interessante também neste sentido é a introdução do livro de Paul Tillich, *História do Pensamento Cristão* (2000, 18-23). Este texto fala sobre o “dogma” e o apresenta de maneira muito positiva. As expressões de fé de nossas confissões são verdadeiros patrimônios da história da teologia e não podemos nos dar ao luxo de não as conhecer (principalmente porque sem este conhecimento não conseguimos perceber o que somos hoje). O que não podemos fazer é fechar a reflexão teológica daqueles que refletiram antes de nós como elementos perenes. Ainda mais levando em consideração que, na maioria das vezes, os próprios autores do passado estranhariam bastante se soubessem que sua reflexão tornou-se um elemento quase que de devoção para os seus seguidores.

2. O ensino da Teologia e o desafio ecumênico

Somos sempre confessionais, e isto é ótimo. Somos confessionais porque falamos sempre a partir do nosso lugar, temos um contexto³. Aceitamos que temos raízes e que elas devem ser valorizadas. Esse é, na verdade, o melhor ponto de partida para que possamos ver o nosso “chão” confessional não como o único. A consciência de nossa identidade nos habilita para o diálogo sincero.

³ Wood, C. M. “Educação Teológica: Confessional e Pública II”. *Simpósio 43*, São Paulo, out. 2000, pg. 17.



Justamente por que a teologia é a reflexão sobre a fé, não podemos vê-la e estudá-la de maneira estreita. Nossa confissão, que deve ser sempre valorizada por nós, não é capaz de dizer *toda* verdade. Como a grande igreja de Cristo, precisamos uns dos outros para que as bases da nossa prática cristã sejam sólidas. A experiência de irmãos/ãs de outras confissões nos ajudam a colocar em discussão nossos procedimentos, o que nos permite crescer.

Podemos perceber em nossos dias uma tendência em quase todas as confissões: a busca pela *identidade*; ter e saber defender a identidade confessional passou a ser para várias igrejas um grande objetivo. De fato, sem identidade, não sabemos quem somos, não podemos falar da nossa fé, ficamos sem um fio condutor, somos um corpo sem uma espinha dorsal. Entendemos, contudo, que a busca pela identidade inclui muitas vezes o investimento na idéia de que somos melhores, o que é bastante perigoso.

Trazendo a discussão para a educação teológica, podemos dizer que ela é sempre confessional, mesmo quando a instituição de ensino não é. Não há seminário, denominacional ou não, que não tenha a sua "linha", que não esteja mais próximo de certos parâmetros identificados com certa confissão. Não é possível estabelecer um curso *absolutamente* não confessional, e não precisamos disto. Precisamos, não somente na Teologia Sistemática, de uma postura pluralista, na qual o respeito à minha confissão seja o embasamento para o respeito diante do patrimônio teológico dos outros; e não somente respeito, mas também o embasamento para dialogar. Todas as áreas do ensino teológico devem caminhar para o reconhecimento da possibilidade de um ensino mais rico em perspectiva pluralista.

3. O ensino da Teologia e a relação com outras áreas do ensino teológico

O ensino teológico convive há muito tempo (pelo menos desde o século XVIII) com uma visão tradicional de organização curricular. Nossas escolas, mesmo quando dão às disciplinas nomes não comuns, em geral seguem a tradicional distribuição das disciplinas em quatro grandes áreas: Bíblia, Teologia, História Eclesiástica e Prática. Ainda que se aponte tal modelo como já ultrapassado, não temos visto iniciativas significativamente diferentes.

Talvez a principal crítica recebida por essa estrutura curricular seja a da fragmentação excessiva do ensino. Oferecemos conteúdos em "pedacinhos" e esperamos que os/as estudantes montem em suas mentes o grande "quebra cabeças" de uma compreensão teológica integral. Talvez um sintoma de que essa montagem



nem sempre acontece seja uma expressão muito usada pelos estudantes para referirem-se às disciplinas já cursadas: “já *eliminei* tal disciplina”. É possível que isso não seja somente um jeito de falar, mas a denúncia de que os “pedacinhos” se perdem irremediavelmente. Mesmo no nível do ensino fundamental e médio este tema é bastante discutido e alternativas têm sido colocadas em prática.

Nosso interesse não é abrir uma discussão pedagógica, o que não teríamos condição de fazer de maneira competente. Pretendemos indicar que algumas vezes parece que o modo como a teologia é tratada nas diversas áreas agrava consideravelmente o problema exposto acima. Sem deixar de considerar que uma reflexão que aponte para uma reestruturação curricular seja necessária, poderíamos fazer com que nossas áreas estivessem em permanente diálogo. Parece que alguns conteúdos da Teologia Sistemática são introduzidos sem qualquer tentativa de relacionamento com conclusões da Teologia Bíblica. Outras vezes a Teologia Sistemática parece incapaz de abrir caminhos para a reflexão sobre a liturgia, o aconselhamento ou pregação, áreas da Teologia Prática. Os métodos exegéticos, por sua vez, nem sempre são mostrados como ferramentas de análise cuja finalidade é a reflexão teológica.

Não queremos criticar indiscriminadamente, pois sabemos que esforços têm sido observados neste sentido em diversos seminários. Queremos apenas mostrar que a atenção em relação a este assunto pode representar a diferença entre um/uma estudante interessado ou frustrado. Uma formação frustrante se mostra na incapacidade de o/a estudante reconhecer, por exemplo, que todo esforço missionário pode ser de pouco proveito sem que ele esteja pautado em uma análise bíblica e teológica competente.

A partir dos três pontos aqui apresentados, exigências confessionais, desafio ecumênico e relação com outras áreas do ensino teológico, esperamos que voltemos nossos olhos para nossas limitações, como professores de Teologia, e percebamos o grande caminho que temos pela frente, certamente repleto de desafios.

Indicações Bibliográficas

AULÉN, G. *A Fé Cristã*, São Paulo: ASTE, 1965.

JOSGRILBERG, Rui de S. “A Fé em busca da Teologia”. In: MARASCHIN, J. C. (org.) *Teologia sob Limite*. São Paulo: ASTE, 1992, pp. 17-50.

TILLICH, P. *História do Pensamento Cristão*, São Paulo: ASTE, 2000.



WOOD, C. M. Educação Teológica: Confessionoanal e Pública II. *Simpósio*, São Paulo, 42: 14-21, out. 2000.